



MR 004. A persistência da plantação: revisitando a racialização do trabalho e o saber insubmisso da antropologia (coorg C Bastos e M M Mello)

Coordenador(es):

Cristiana Lage David Bastos (ULisboa - ICS)

Participantes:

Marcelo Moura Mello (UFBA)

José Sergio Leite Lopes (Meseu Nacional - UFRJ)

Le Petitcorps Colette (ICS)

Cristiana Lage David Bastos (ULisboa - ICS)

Tal como nos lembra Sidney Mintz, o sabor doce do açúcar tem um reverso amargo e brutal. Ao açúcar, e demais mercadorias que proporcionaram a convergência do colonialismo e capitalismo – café, cacau, algodão, tabaco, entre outras - se deve o deslocamento forçado de milhões de africanos e africanas, o desapossamento de terras e o extermínio de populações indígenas, a devastação ecológica por monocultura de plantação. Ao sistema de plantação, também, se deve algo só aparentemente menos palpável, fora do âmbito de análise de historiadores econômicos, porém igualmente estruturante, devastador, fraturante: a produção de categorias raciais como as herdamos hoje, a hierarquização a que se cola uma naturalização endossada pelas pseudociências racialistas dos séculos XVIII-XIX, e a sua reinvenção sob novas formas e categorias. O saber insubmisso da antropologia, atenta às configurações materiais que produziram as racializações que perduram em desigualdades sociais racializadas, vai reunir nesta mesa redonda vários trabalhos sobre sociedades profundamente transformadas pelo açúcar: nordeste brasileiro, Guiana, Ilhas Maurícia e Havaí. Trabalhando com pesquisa etnográfica, histórica e conceptual, propomos analisar, cruzadamente, como o complexo plantação-usina produziu e continua produzindo classe, racializações e fraturas sociais que permeiam e perduram para além das autorrepresentações coletivas de sociedades cordiais, multiétnicas ou multiculturais.

Cronologias inversas, racializações diversas: o singular caso do Hawaii

Autoria: Cristiana Lage David Bastos (Universidade de Lisboa)

A sociedade do Hawaii foi teorizada nos anos 1920 como modelo de pluralismo étnico, harmonizando hawaianos, japoneses, chineses, portugueses, filipinos, porto-riquenhos, haole, etc. Na sua base está porém a história violenta da plantação de açúcar, com espoliação e dizimação da população indígena e sua agricultura, importação de diferentes contingentes de migrantes, e manutenção de uma força de work dividida por nacionalidades. Em contraste com as plantações coloniais de poder europeu e work escravizado africano, o Hawaii tinha soberania indígena, paulatinamente ocupado e convertido ao açúcar, em que o work dependeu de grupos migrantes que se estabeleceram em hierarquias com flexibilidade e porosidade peculiares, gerando um sistema de racialização que submerge, mas não desaparece, na celebração das identidades étnico culturais dos descendentes de migrantes-colonos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: